

crises do século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 10 • 2010

A(s) Crise(s) da Europa
uma visão comparativa entre guerras

Isabel Baltazar

Isabel Baltazar, Doutora em História e Teoria das Ideias, especialidade de História das Ideias Políticas, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, bolsista de Pós-doutoramento da FCT, Colaboradora do CEIS20.
E-mail: ibaltazar@fcsh.unl.pt.

*As pessoas só aceitam a mudança quando se encontram face à necessidade,
e só reconhecem a necessidade quando há uma crise.*

Jean Monnet

Este estudo pretende reflectir sobre a Europa como projecto, apresentado a seguir ao primeiro grande conflito mundial e continuado após a Segunda Grande guerra. Se no primeiro momento, a unidade europeia não passou de uma solução para uma Europa em Crise, concretizado pela apresentação de um Projecto Federal Europeu no seio da Sociedade das Nações, sem uma efectiva realização, após o segundo grande conflito, o projecto europeu foi efectivamente iniciado. Nesse sentido, a uma Ideia de Europa ou de Ideias para a Europa, seguiu-se uma Construção Europeia, bem menos arrojada, é certo, mas de sucesso visível, concretizada pelo «método dos pequenos passos», como preconizavam o visionário Jean Monnet e o político Robert Schuman.

No entanto, e muito curiosamente, essa Ideia de Europa dos primeiros europeístas não morreu, e continua a aguardar a sua concretização, agora inserida no processo de Construção Europeia em marcha. Uma ideia que mantém a sua virtualidade e continua a apontar caminhos a seguir por um Futuro para a Europa. O olhar que se pretende perspectivar é um olhar de continuidade do projecto europeu durante todo o século XX, apesar das circunstâncias históricas serem diferentes, e as soluções encontradas para resolver as crises europeias serem condicionadas pelas conjunturas políticas e pelas decisões políticas dos diferentes actores. Mas, muito para além do tempo concreto, permanece uma intemporalidade dessa velha Europa que (sobre) vive das Crises.

A Crise Europeia no Pós-Primeira Guerra

Foi durante o período entre as duas guerras mundiais, que o velho sonho de unidade europeia ganha sentido e oportunidade. Toda a História da Europa teve presente a ideia de unidade da Europa, contrastando com a sua irregularidade geográfica. Os fundamentos históricos comuns, convertem o velho continente naquele já preconizado em Homero, como «Europé» – aquele que vê ao longe – e, por isso, visualiza uma comunidade de cultura e de civilização. À falta de unidade geográfica, apresenta-se, assim, uma unidade espiritual que a caracteriza, apesar da diversidade dos seus povos.

A guerra de 1914-1918 seria tão trágica para a Europa, que seriam, de novo, lembrados os pensadores como Dante ou Victor Hugo, que na sua genialidade sonharam e transmitiram a ideia de unidade europeia, no limite essa «Nação Extraordinária»¹ que se chegaria mesmo a chamar de *Estados Unidos da Europa*.

Não seriam só os poetas a acreditar na possibilidade de uma Europa unida. Como se sabe, também economistas com o Bentham e Saint-Simon, ou filósofos, particularmente Kant, acreditavam no projecto Europeu. Será que faltava precisamente uma crise para a sua realização?

Após a primeira guerra, muitos europeus, particularmente, políticos como Luigi Einaudi, percebiam a necessidade de congregar os povos europeus em torno da construção de uma Europa unida. Afinal, também todos acabavam de sair de um

¹ Hugo, Victor – «L'Avenir». In *Paris*. 1867.

cenário de destruição, que só a solidariedade podia reconstruir. A crise europeia era um facto e a necessidade de preservar a paz uma realidade.

A esta crise material evidente havia outra não menos relevante, como lembra Paul Valéry: «La Crise de l'esprit»²: «Nous autres, civilisations, nous savons maintenant que nous sommes mortelles»³. E adianta:

«Nous avons entendu parler de mondes disparus tout entiers, d'empires coulés à pic avec tous leurs hommes et tout leurs engins; descendus au fond inexorable des siècles avec leurs académies et leurs dieux et leurs lois, leurs académies et leur sciences pures et appliqués, avec leur classiques, leur romantiques et leurs symbolistes, leur critiques et les critiques de leur critiques. Nous savions bien que toute la terre apparent est faite de cendres, que la cendre signifie quelque chose. Nous apercevions à travers l'épaisseur de l'histoire, les fantômes d'immenses navires qui furent chargés de richesse et d'esprit. Nous ne pouvions pas le compter. Mais ces naufrages, après tout, n'étaient pas notre affaire»⁴.

No entanto, Paul Valéry acredita numa certa perenidade do espírito europeu, e que esta lição da crise, proveniente da guerra, provoca a reflexão sobre a situação sangrenta de uma Europa que tem de erguer-se, porque como afirma:

«Tout ne s'est pas perdu, mais tout s'est senti périr. Un frisson extraordinaire a couru la moelle de l'Europe. Elle a senti, par tous ses noyaux pensants, qu'elle ne se reconnaissait plus, qu'elle cessait de se ressembler, qu'elle allait perdre conscience – une conscience acquise par des siècles de malheurs supportables, parhances géographiques, des milliers d'hommes du premier ordre, par des chances géographiques, ethniques, historiques, innombrables»⁵.

Todos são necessários para sair da crise vivida na Europa: os pensadores, filósofos, poetas ou políticos. É preciso que a Europa ultrapasse a agonia. É preciso que ultrapasse a situação militar, económica, cultural e espiritual.

Muitos outros europeus tentavam reagir ao fracasso do Tratado de Versalhes, «inventando» novas formas de evitar os conflitos de interesses desencadeados ou revelados pela assinatura do tratado, aliás, uma ocasião para mostrar que a paz verdadeira entre os povos não bastava ser assinada por decreto. Era preciso que fosse comungada pelos povos europeus, muito mais do que um acordo de políticos.

A União Paneuropeia: uma utopia realizável?

É no contexto anterior que se compreende a acção de Coudenhove-Kalergi, apelando à união dos povos da Europa, e, curiosamente, recebida com bem mais

² VALÉRY, Paul – «La Crise de l'esprit». In *Variété I et II*. Paris: Éditions Gallimard, 1928.

³ *Idem, Ibidem*, p. 13.

⁴ *Idem, Ibidem*.

⁵ *Idem, Ibidem*, p. 15.

entusiasmo, mostrando, como ainda hoje, a Europa precisa de se aproximar dos seus povos. Nesse sentido, para além de divulgar em jornais europeus a sua «Mensagem», na qual transmitia a necessidade de uma real unidade europeia, criada a partir da vontade dos seus membros, através da instituição de uma «União Paneuropeia», desenvolve esse ideário numa obra publicada no ano seguinte (1923), intitulada *PANEUROPA, dedicada à juventude da Europa*, mostrando, mais uma vez, a percepção de que a unidade europeia só podia resultar se fosse vontade dos seus cidadãos.

No prefácio à obra, Coudenhove apresenta uma máxima onde pode ler-se: «*Os grandes movimentos históricos foram primeiro utopias só mais tarde realidades*»⁶. Serão as utopias o motor da História?

A visão de Coudenhove-Kalergi era alargada, logo pelo facto de acreditar que seria pela educação que se podiam criar os cidadãos europeus e, por isso, dedicar a obra aos jovens. Uma ideia também para levar a sério no tempo presente. Mas, para além de tudo, o autor considerava que seria necessário iniciar o projecto europeu. Daí as suas palavras:

«Este livro está destinado a despertar um grande movimento político que actualmente dorme em todas as nações europeias. Muitos homens sonharam com uma Europa unida, mas bem poucos decidiram criá-la. Estéril enquanto desejo, esta ideia pode dar seus frutos se for um fim associado à vontade. Assim, cada europeu leva em si mesmo um pouco do destino do seu continente»⁷.

Um livro que inspiraria os Homens de Estado e seria muito elogiado por figuras como Aristides Briand, Ministro dos Negócios Estrangeiros Francês e Presidente Honorário da União Paneuropeia. A esse propósito, podemos ler no prefácio as suas palavras: «Inspiram-me viva simpatia os esforços de uma união que tem como objectivo despertar nas diversas nações da Europa, a consciência da sua solidariedade histórica, intelectual e económica, e orientá-la para um caminho de uma aproximação mais estreita, garantia de um desenvolvimento pacífico»⁸.

Outros ministros fazem o elogio da obra, nomeadamente, de Londres, em que Amery no mesmo sentido declara: «A solução dos problemas políticos e económicos do mundo só pode ser obtida através da integração positiva das fronteiras históricas e geográficas»⁹. Sempre a convicção de que uma nova crise só poderia ser evitada «criando um Império Unido», resultado de uma história e cultura comuns. Acredita mesmo que se assiste a uma nova fase mundial que exige muitos esforços que afastem os antagonismos. Também, Eduardo Benes considerava irresistível a ideia paneuropeia, ou Joseph Caillaux, a quem a ideia inspirava simpatia. Edouard Herriot ia mais longe e dizia: «O meu maior desejo é ver aparecer um dia os Estados Unidos da Europa. E se a Sociedade das Nações gastou as minhas forças com tanta tensão, é porque esta grande

⁶ COUDENHOVE-KALERGI – *Paneuropa. Dedicado à juventude da Europa*. Madrid: Aguilar editor, 1928, p. 19.

⁷ *Idem, Ibidem*, p. 19.

⁸ BRIAND, Aristides – «Opiniões sobre *Paneuropa* dos Homens de Estado». In COUDENHOVE-KALERGI – *Paneuropa. Dedicado a la juventud de Europa*. Madrid: Aguilar Editora, 1928, p. 5.

⁹ MERY, L. S. – *Idem, ibidem*.

instituição já via o primeiro esboço dos Estados Unidos da Europa»¹⁰. Para Henri de Jouvenel, uma «Sociedade de Nações Europeias», desejada por uma Alemanha, era a única forma de preservar a civilização europeia, impedindo um fim semelhante ao Império Romano. Outros, como Paul Loeve, acreditavam numa federação dos Estados Unidos da Europa, ou, Andreas Michalakopulos, para quem a concretização desta ideia seria a única forma de evitar novas guerras e permitir a felicidade dos seus povos. Também Paul Painlevé desejava o sucesso do Congresso Paneuropeu, a invisibilidade das fronteiras e a colaboração pacífica entre os povos. Muitos outros, como Nicola Politis, Charles Pusta ou Ignac Seipel, são unânimes em acreditar na possibilidade da paneuropa como forma de consolidar a paz. Finalmente, Albert Thomas, Alexandro Skrzynski, Carlo Sforza Gustav Stresemann, consideraram o movimento paneuropeu como inspirado pelas grandes forças do seu tempo.

Na abertura do Congresso Paneuropeu, Philippe Simon, no seu discurso de abertura, apresenta a figura e a obra de Coudenhove-Kalergi, que, para além de manifestos sobre a Europa e da Paneuropa, foi o grande precursor de escritos de pensadores e políticos sobre a Europa, muito particularmente, pela apologia da *Paneuropa*. Diz o autor:

«PANEUROPA foi publicada em Viena no ano de 1923. (...) A União paneuropeia, agrupamento central que deve unir e coordenar esforços das ligas paneuropeias nacionais, foi criada pouco depois. Coudenhove assumiu a direcção. Em 1926, o primeiro Congresso paneuropeu reuniu-se em Viena, com êxito considerável. A maioria dos Estados europeus fizeram-se representar por alguns homens políticos ou mais eminentes escritores.

Na abertura deste Congresso...Coudenhove abriu um concurso referente à solução do problema paneuropeu, ouvindo as mais prestigiadas personalidades da Europa. As suas respostas foram publicadas na *Revista Paneuropa*.

No momento actual, a união paneuropeia é a mais importante instituição constituída para a paz e a união da Europa.

As ideias que Coudenhove expunha em 1923, foram partilhadas por escritores políticos e divulgadas nos periódicos com resultado. O sistema de Locarno, para o qual muito contribuiu a *Paneuropa*, é um começo da execução do programa paneuropeu.

Esperemos que o tempo esteja a nosso favor para a Paneuropa, nos dizia Coudenhove. E a seguir: *nem as riquezas nem o poder me tentam; eu não desejo outra coisa que mais racionalidade entre os homens e a paz entre eles. Para mim, nada mais peço do que silêncio, e, se puder ser ouvido*¹¹.

Sem dúvida que Coudenhove-Kalergi foi ouvido, e de certa forma, as suas expectativas foram largamente ultrapassadas. Os seus esforços foram encorajadores, na medida em que as suas ideias tentariam, de facto, ser politicamente aplicadas. Políticos, como Aristides Briand, tiveram a coragem de apresentar projectos federalistas, neste caso o «projecto de uma união federal». O federalismo de Coudenhove-Kalergi inspirava-se no federalismo americano, e, nesse sentido, pretendia renovar a organização política da Europa. Seria uma utopia sonhar com uma perda de soberania ou mesmo com uma partilha de soberania entre os estados europeus?

¹⁰ HERRIOT, Edouard – *Idem, ibidem*.

¹¹ SIMON, Philippe – «Coudenhove-Kalergi». Prefácio à obra de Coudenhove-Kalergi, *op. cit.*, p. 17.

O mais interessante da sua proposta, para além da tentativa falhada de pôr em prática aquele projecto, arrojado demais para o seu tempo, e também para o nosso tempo, foi o ter conseguido despertar a opinião pública para uma ideia que foi recebida favoravelmente. Talvez, seja este o grande contributo para o século XXI, em que o projecto europeu, agora, em plena marcha, não parece mobilizar os cidadãos europeus.

As *Memórias* da Crise Europeia

I. Reflexões entre guerras

As *Memórias* de Jean Monnet são um documento fundamental para compreendermos as Crises da Europa evocadas neste estudo. Crises estas, vividas durante todo o processo por este vulto que, por isso mesmo, conseguiu delinear os caminhos europeus. As possibilidades da Europa foram sentidas pelo seu pulso até à dissolução do Comité d'Action pour les États-Unis d'Europe, a 9 de Maio de 1975, e, talvez, daí o seu realismo e pragmatismo político.

Ainda antes da primeira guerra, já tinha proposto ao Presidente do Conselho, René Viviani, a criação de um organismo que coordenasse os esforços de guerra da França e da Inglaterra, antevendo a crise que se poderia gerar. Nesse sentido, ainda em Setembro de 1918, Monnet e Clémentel escreviam uma carta a Clemenceau e Wilson, mostrando o seu parecer sobre as condições económicas para a paz. Monnet tinha consciência de que não estava, apenas, a coligar Estados e da necessidade de unir os homens a partir de interesses comuns. Como ele afirmava, nada era possível sem os homens, nada era duradouro sem as instituições. A economia aparecia como o grande motor:

«É urgente chegar à formação, entre as democracias aliadas, de uma união económica que formará o núcleo central da união económica dos povos livres. Os quadros dessa futura aliança esboçam-se já nos conselhos económicos interaliados que funcionam em plena guerra, para o estabelecimento dos programas conjuntos de importação de matérias-primas, para a compra em comum de algumas delas, para a repartição dos meios de crédito em certos países produtores, enfim para a colocação em comum do conjunto das tonelagens dos Aliados e para a sua repartição na base da igualdade e da comunidade dos sacrifícios, segundo as necessidades mais urgentes»¹².

Outros esforços, tinham sido já empreendidos para evitar uma nova crise europeia, ou, novamente à escala mundial. Nesse sentido, como referimos anteriormente, Wilson já tinha publicado meses antes os seus 14 Pontos, o último dos quais responsável pelo surgimento de uma *Sociedade de Nações*, numa perfeita igualdade entre pequenas e grandes nações. Sir Eric Drummond seria o primeiro secretário-geral daquela organização e Jean Monnet o seu adjunto, de 1919 a 1923. A *Sociedade das Nações* era o começo de uma esperança, mas todos estavam conscientes das dificuldades. Diz Jean Monnet:

¹² MONNET, Jean – *Mémoires*, p. 92.

«Era preciso avançar depressa. Pela minha parte, estava a aperceber-me das lacunas de um pacto ao qual não tinham sido atribuídos os meios de tornar executórias as decisões mais graves que teriam de ser tomadas para fazer respeitar o tratado de paz. Este tratado deixava em suspenso numerosos problemas, e os vencedores tinham-se remetido, nomeadamente sobre as questões territoriais como o Sarre, a Alta Silésia, ou relativamente ao destino das minorias e dos refugiados, à arbitragem da Sociedade das Nações que, desse modo, não só estava encarregada de evitar novos conflitos, como tinha de liquidar as desordens da guerra. Tais desordens eram incalculáveis: no plano económico, acresciam às destruições materiais a desorganização das tropas e a queda das moedas nos países artificialmente remodelados, como a Áustria ou a Polónia. No plano humano, milhões de refugiados erravam através de fronteiras incertas. De modo que as tarefas de um verdadeiro poder supranacional iriam, de imediato, incumbir a um organismo cujo único elemento de permanência seria o secretariado»¹³.

Podemos perceber, que foi no seio da SDN, que Jean Monnet foi arquitectando a futura comunidade europeia: unir os homens a partir do interesse geral, mas ir mais além do que a mera cooperação, um travão para uma efectiva acção. Tinha sido fundamental a alteração das relações entre os povos e a paz ser a palavra-chave, o motor da acção. Mas também tinha percebido como o veto impedia a acção e continuava a ser um símbolo dos egoísmos nacionais. A paz e a liberdade da Europa estavam ameaçadas e Monnet estava convencido do caminho a seguir:

«A França e a Grã-Bretanha tinham de unir o seu destino na guerra e para além desta Tudo é possível nos momentos excepcionais, na condição de se estar apto, de se ter um projecto claro exactamente no momento em que tudo é confuso. Unir dois povos é uma ideia simples à qual, em tempo normal, o espírito resiste, mas que uma necessidade extrema faz surgir como desejável: é uma questão de horas. Descrevi essas horas, e, se foi com elas que comecei a minha narrativa, é porque marcaram o ponto-limite de uma acção inteiramente dirigida para a unidade dos homens»¹⁴.

As *Memórias* da Crise Europeia

II. Uma nova guerra em marcha

Em 1940, a Alemanha ataca a Bélgica e a Holanda. Jean Monnet preside ao *Comité de Coordenação Franco-Britânico*, em Londres. França e Inglaterra constituíam uma União Franco-Britânica, acordada entre De Gaulle e Paul Reynaud. Pedindo a demissão daquele Comité, Jean Monnet vai para os Estados-Unidos, que considera um exemplo de democracia, ao serviço de Inglaterra. Colabora no *Victory Program* que influenciaria o curso dos acontecimentos e, em 1943, vai a Argel presenciar o decurso da guerra, contribuindo para a criação do *Comité Francês de Libertação Nacional*, para reconstruir uma França vitoriosa, numa Europa pacífica:

¹³ *Idem, Ibidem*, p. 96.

¹⁴ *Idem, Ibidem*, p. 167.

«Não haverá paz na Europa, escrevi, se os Estados de reconstituírem numa base de soberania nacional com o que isso implica de política de prestígio e de protecção económica. Se os países da Europa voltarem a proteger-se uns dos outros, a constituição de vastos exércitos será novamente necessária...Mais uma vez, a Europa reconstituir-se-á num clima de medo.

Os países da Europa são demasiadamente pequenos para assegurar aos seus povos a prosperidade que as condições tornam possível e, por conseguinte, necessária. Precisam de mercados maiores...Essa prosperidade e os desenvolvimentos industriais indispensáveis pressupõem que os Estados da Europa se constituam numa federação ou numa *entidade europeia* que faça deles uma unidade económica comum. Os outros, os ingleses, os americanos e os russos, têm mundos próprios para os quais podem temporariamente retirar-se. A França está ligada à Europa. Não pode escapar a esta...A vida da França depende da solução do problema europeu¹⁵».

A História viria mostrar que, de facto, o problema europeu não tinha sido resolvido. O período entre-guerras foi uma oportunidade, quase perdida, para pensar a Europa e evitar uma nova crise. Os projectos europeus ficariam suspensos durante um novo conflito à escala mundial.

A Crise Europeia Pós-Segunda Guerra

A *Agonia* da Europa

Após a Segunda Guerra mundial, a crise europeia parece ter atingido o seu auge. A situação da Europa em ruínas é bem descrita por María Zambrano, em «La agonía de Europa»¹⁶. Trata-se de uma obra escrita em 1945, onde a pensadora reflecte precisamente sobre o significado da crise europeia. Diz ela:

«Desde hace bastantes anos se repite: Europa está en decadencia. Ahora ya no parece necesario el decirlo. Muchas gentes que lo creen se refieren al suceso com frase velada y sonrisa irónica, como aludiendo a un secreto tan divulgado que hasta resulta elegante y misericordioso tratar de encubrir, aunque al hacerlo así se divulgue de una manera más humillante.

Todo desastre permite manifestarse a las gentes en su cruda realidad; es el médio de revelación más exacto de cuantos se conocen. Sobre todo para los bajos fondos de la consciencia, que en circunstancias normales viven ocultos. Así, el resentimiento (...). Y al resentimiento incumbe la primera parte de la acción destructora que solo después las armas consolidan. Europa, como toda realidad histórica victoriosa y resplandeciente, ha tenido la virtud de producir solapados enemigos, de engendrar el rencor en las oscuras cavernas en que se cria. Hoy, este rencor se junta y extiende com tremendo ímpeto negativo; corroe, deshace, borra, va convirtiendo al mundo en un vacío espacio desolado»¹⁷.

¹⁵ *Idem, Ibidem*, p. 263.

¹⁶ ZAMBRANO, María – *La agonía de Europa*. Madrid: Editorial Trotta, 2000. Esta obra foi publicada a primeira vez em 1945, durante o seu exílio em Buenos Aires.

¹⁷ *Idem, Ibidem*, p. 23-24.

A decadência da Europa, veio mostrar todos os ressentimentos ocultos na história vitoriosa. Para a Europa se reerguer era necessário recuperar a sua identidade, ou como a própria afirma «encontrar esencia de eso que llamamos Europa, de eso que por nada aceptamos – seguir viviendo nuestra vida sins u vida –, buscaremos también el principio de su posible resurrección»¹⁸. Ou seja, «Europa no ha muerto, Europa no puede morir del todo; agoniza. Porque Europa es tal vez lo único – en la Historia – que no puede morir del todo»¹⁹.

*La Agonía de Europa*²⁰ é uma das melhores obras de Filosofia da Crise, paradigmática para o estudo em causa. Na linha dos outros pensadores que acreditam num futuro para a Europa, María Zambrano, é, de certa forma, original na sua reflexão sobre a agonia europeia, que se resolve em «La Esperanza Europea»²¹. Após a era de «La violencia europea»²², onde seguindo o pressuposto hegeliano, é necessária uma crise para chegar mais alto, ou seja, depois da crise, a Europa pode nascer de novo e aprofundar-se.

O Ressurgimento dos Projectos Europeus

O ideal europeu estava amplamente divulgado na Europa da primeira metade do século XX e, afinal, com tão poucos resultados, como reconhecera Jean Monnet:

«Quando consideramos este período, que correspondia à metade do século, chama-nos a atenção a extraordinária efervescência intelectual que havia em torno do ideal europeu. Se relermos os manifestos dos partidos e dos movimentos militantes, as declarações dos dirigentes políticos e os artigos na imprensa – o *Economist* e o *Times* de Londres publicavam editoriais dignos do *Federalista* de Jay, Hamilton e Madison –, temos o sentimento de que uma corrente de pensamento tão rica como essa só podia levar à realização da mais ampla unidade europeia. E é verdade que o vocabulário e a dialéctica comunitárias de hoje em dia já estavam fixadas na época, mas isso não tinha nada a ver com a acção. Em 1946, em Zurique, Churchill apelava no sentido da criação urgente dos Estados Unidos da Europa – mas tinha em mente o Conselho da Europa. Em 1929, em Genebra, Briand preconizara uma *ligação federal* entre os povos da Europa – mas tinha especificado que os direitos soberanos dos Estados não seriam com isso afectados. Não obstante, a opinião estava convencida de que as fórmulas mágicas tinham sido pronunciadas e não compreendia que a realidade resistisse de forma tão obstinada. Em 1949, continuávamos na gramática, e era-me difícil interessar-me por isso»²³.

Algumas figuras de políticos ficariam associadas ao ressurgimento da ideia europeia após a segunda guerra. Uma delas seria a de Winston Churchill e o célebre discurso na Universidade de Zurique, pronunciado a 19 de Setembro de 1946. As suas palavras ficariam na memória de todos os europeus:

¹⁸ *Idem, Ibidem*, p. 42.

¹⁹ *Idem, Ibidem*.

²⁰ *La agonía de Europa* é o título da obra e também do seu primeiro capítulo, *op. cit.*, p. 23-42.

²¹ «La esperanza europea». In *op. cit.*, p. 63-86.

²² «La violencia europea». In *op. cit.*, p. 43-62.

²³ *Idem, ibidem*, p. 334-335.

«É imperioso construir uma espécie de Estados Unidos da Europa. Só dessa forma centenas de milhões de trabalhadores poderão recuperar as alegrias e esperanças simples que dão sentido à vida. O processo é simples. Basta a determinação de centenas de milhões de homens e mulheres empenhados em fazer o que está certo em vez do que está errado, para ter por recompensa felicidade em vez de sofrimento...»²⁴.

Trata-se, efectivamente, de um grande impulso para a reorganização europeia, embora estes *Estados Unidos da Europa* tenham um significado bem menos arrojado do que na história anterior. No entanto, a ideia agora apresentada tem maior credibilidade ou, melhor, não é um sonho de pensadores europeus, mas uma proposta vinda do primeiro-ministro inglês. É por isso, um marco no relançamento da ideia de unidade europeia, destinada a uma concretização política:

«Vou dizer uma coisa que vos vai surpreender. O primeiro passo para a recriação da família europeia tem de passar por uma parceria entre a França e a Alemanha. Só desta maneira é que a França poderá recuperar a sua costumada liderança da Europa. A Europa não pode renascer sem uma França espiritualmente grande e sem uma Alemanha espiritualmente grande. A estrutura dos Estados Unidos da Europa, a concretizar-se, tornará menos importante a força material de um único Estado (...). O primeiro passo é criar um Conselho da Europa...»²⁵.

Outros esforços de aprofundamento da unidade europeia iam sendo empreendidos, mas sem alcançarem os resultados esperados. O *Congresso da Haia* era um bom exemplo:

«Nenhum esforço europeu autêntico sem federação do Ocidente, mas, ao mesmo tempo, nenhuma federação que não se apoie sobre esse esforço. Por onde começar, uma vez que as duas perspectivas parecem não constituir senão numa? É a questão que iam pôr homens cada vez mais numerosos que ligaram febrilmente os fios da velha tradição federalista europeia, cortados em cada guerra. Esses homens pertenciam, na sua maioria, a movimentos políticos e acreditavam sinceramente que a missão resultaria do encontro de boas vontades. Eles preparavam, no momento em que escrevia aquelas linhas a Bidault e a Schuman, um grande congresso em Haia, presidido por Churchill e onde se encontravam, em Maio, muitos dos nossos amigos: Eden, Lord Layton, Macmillan, Van Zeeland, Paul Reynaud, Mitterrand, P.H. Teitgen, François-Poncet. E também desconhecidos: um político alemão, Konrad Adenauer, um professor de Franckfurt, Walter Hallstein...

Na grande confusão de ideias características de tais ajuntamentos, foi possível, estou certo disso, discernir algumas linhas de acção fecundas misturadas com muito sonho. Mas confesso que não prestei a isso grande atenção e o enterramento das resoluções entusiastas que deveriam conduzir, um ano depois, à fórmula do Conselho da Europa, confirmou-me que essa via conduzia a um impasse»²⁶.

²⁴ «Discurso de Winston Churchill pronunciado em Zurique, a 19 de Setembro de 1946». In SANDE, Paulo (Dir.) – *60 Anos de Europa. Os grandes textos da Construção Europeia*. Lisboa: Parlamento Europeu, 2008, p. 15.

²⁵ *Idem, ibidem*.

²⁶ MONNET, Jean – *op.cit.*, p. 323.

Num tempo em que a diplomacia tradicional se revelava impotente, o génio inventivo de Jean Monnet permite encontrar uma solução para um entendimento europeu. Na Primeira Guerra Mundial já tinha organizado as estruturas comuns de abastecimento das forças aliadas, tendo sido secretário-geral adjunto da Sociedade das Nações, homem influente na China e nos Estados Unidos da América, como conselheiro do presidente Roosevelt e inventor do «Victory Program», responsável pela supremacia militar americana sobre as forças do eixo. Era um homem de ideias mas com um espírito pragmático e empreendedor. Na Europa, a grande habilidade estava em encontrar uma solução para a Alemanha, que impedisse uma nova guerra, e fomentasse prometedores tempos de paz mundial.

Jean Monnet percebia que era necessária uma Europa reconciliada consigo mesmo e conhecia bem os anteriores esforços de concretização de uma unidade europeia, sobretudo a partir de Haia, em 1948, e ainda sem êxito. Tudo se passava ao nível da mera cooperação, e mesmo no domínio económico, as tentativas de integração continuavam por realizar. Era essa a realidade da Organização Europeia de Cooperação Económica (1948) e do Conselho da Europa, ao nível político, iniciada a 5 de Maio de 1949.

Uma Crise Ultrapassada?

Para conseguir êxito, Jean Monnet optou por redigir, em Abril de 1950, um documento onde preparava o essencial da *Declaração de Maio*, apresentando a proposta e os motivos que a fundamentavam, sem as habituais consultas ministeriais, para que tudo fosse feito na maior discrição, não esbarrar logo de início com as habituais objeções e tivesse um impacto maior. Um plano revolucionário tinha de usar meios também surpreendentes. Era claro para Jean Monnet de que os governos não pretendiam quaisquer cedências de soberania e que era ilusório pretender criar uma integração europeia completa.

Assim, a única solução seria a de criar um edifício institucional de forma lenta, mas concertada, apenas em domínios concretos, que não pusessem em causa grandes transferências de soberania. Era necessária uma grande visão e uma grande audácia, mascarada por uma hábil diplomacia. A diplomacia clássica era substituída por uma nova, ainda mais discreta e cuidadosa, que afastasse juízos apressados e reacções negativas. Primeiro França, depois a Alemanha, protagonizada por Adenauer, só depois seria tornada pública a declaração feita por Robert Schuman numa conferência de imprensa em Quai d'Orsay:

«Não é uma questão de palavras vãs, mas um acto ousado, um acto construtivo. A França agiu e as consequências da sua acção podem ser imensas. Esperemos que assim seja. Agiu essencialmente pela paz. Para que a paz possa verdadeiramente ter a sua oportunidade, é necessário que primeiro exista uma Europa. Quase exactamente cinco anos após a capitulação sem condições da Alemanha, a França cumpre o primeiro acto decisivo da construção europeia e associa a esse acto a Alemanha. Com isto, é de esperar que as condições da Europa se transformem completamente. Essa transformação permitirá outras acções comuns até agora impossíveis. Tudo isto será o nascimento da Europa, uma Europa estreitamente unida e solidamente construída»²⁷.

²⁷ Fac-símile do projecto definitivo da Declaração de 9 de Maio de 1950, *Fundação Jean Monnet para a Europa*, Lausana.

Foi um acto histórico, a proposta de criação de uma comunidade de interesses pacíficos com parceiros na véspera rivais, como a própria República Federal da Alemanha. Para além da proposta, com fundamentos claramente económicos, o significado do gesto era enorme: ultrapassar os conflitos passados e os rancores nascidos das guerras, para encontrar a união possível, sem cedências de soberanias, entre as velhas nações europeias. Era um marco indiscutível na História da Europa e, também, na ordem internacional; era a unidade possível entre rivais que percebiam a sua necessidade para recuperar a influência perdida no domínio das relações internacionais.

A Europa não seria construída de uma só vez, far-se-ia por «meio de realizações concretas», criando, antes de mais, uma «solidariedade de facto». A velha oposição entre a França e a Alemanha, devia ser eliminada e, em certa medida, este plano tinha sido concebido para isso mesmo, embora estivesse aberto a outras nações europeias que partilhassem os mesmos objectivos. Aliás, o interesse comum era a produção franco-alemã de carvão e de aço, submetida a uma Alta Autoridade comum; era a fusão destes interesses económicos a origem de uma Comunidade Económica Europeia; as decisões da Alta Autoridade eram vinculativas e, portanto, o início de um esforço de integração. Jean Monnet continuaria os esforços de integração, presidindo a uma Conferência intergovernamental, a 20 de Junho de 1950, com a adesão dos três países do Benelux e Itália. O espírito da iniciativa estava presente nas suas palavras:

«Estamos aqui para realizar uma obra comum. Não para negociar vantagens, mas para procurar as nossas vantagens na vantagem comum.... Só eliminando da discussão qualquer sentimento particularista poderemos encontrar uma solução. Na medida em que, aqui reunidos, soubermos mudar os nossos métodos, contribuiremos para transformar pouco a pouco o estado de espírito de todos os europeus...Julgo que foi nesse dia que, pela primeira vez, dei o nome de *Comunidade Europeia* ao objectivo que queríamos alcançar»²⁸.

Nesta base de integração de interesses comuns seriam assinados os primeiros tratados, o de 18 de Abril de 1951, Tratado de Paris, instituindo a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), e, mais tarde, os de 25 de Março de 1957, em Roma, instituindo a Comunidade Económica Europeia (CEE) e a Comunidade Económica da Energia Atómica (CEEa).

A Europa seguia o seu caminho:

«As propostas Schuman são simplesmente revolucionárias. O seu princípio fundamental é a delegação de soberania num domínio limitado, mas decisivo. Um plano que não parta deste princípio não pode dar qualquer contributo útil para a solução dos grandes problemas que nos debilitam. A cooperação entre as nações, por mais importante que seja, não resolve nada. O que é necessário é uma fusão dos interesses dos povos europeus e não a mera manutenção dos equilíbrios entre esses interesses»²⁹.

²⁸ MONNET, Jean – *Mémoires, op. cit.*, p. 309.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 371.

Era necessária uma igualdade entre os Estados, ideia bem difícil de obter a adesão de grandes nações como a Alemanha. Com esse fim, Jean Monnet encontrar-se-ia, em 4 de Abril de 1951, com o chanceler Adenauer, em Bona, dizendo-lhe:

«Estou autorizado a propor-lhe que as relações a nível da Comunidade entre a Alemanha e a França sejam regidas pelo princípio da igualdade, quer no Conselho, quer na Assembleia, bem como em todas as instituições europeias actuais e futuras (...)

Tenho a acrescentar, pessoalmente, que foi nesse espírito que sempre considerei a proposta de união que está na origem deste Tratado e julgo ter compreendido, aquando do nosso primeiro encontro, que também assim o entendia. O espírito de discriminação foi a causa das maiores calamidades do mundo. A Comunidade é um esforço para o fazer recuar»³⁰.

Era, apenas, o início de um longo e aglutinador processo de unir os homens europeus, criando instituições que servissem os seus interesses comuns. Os «Estados Unidos da Europa» já tinham começado. O princípio seria sempre o mesmo, quer entre duas, seis ou vinte e sete nações:

«Criar progressivamente entre os homens da Europa o mais vasto interesse comum gerido por instituições comuns e democráticas nas quais se delega a soberania necessária: eis a dinâmica que não deixou de funcionar desde o início da Comunidade Europeia, quebrando preconceitos, apagando fronteiras, alargando em poucos anos à dimensão de um continente o processo que ao longo dos séculos tinha formado os nossos velhos países»³¹.

Os projectos dos fundadores da Europa foram realizados gradualmente, sempre pelo método dos «pequenos passos», na convicção de que os interesses comuns, normalmente de natureza económica, estavam na base de uma comunidade política:

«Nunca será demais repetir que os seis países que constituem a Comunidade são os pioneiros de uma Europa mais vasta, cujos limites só são fixados por aqueles que ainda não se lhes juntaram. A nossa Comunidade não é uma associação de produtores de carvão e de aço: é o começo da Europa.

O começo da Europa era uma perspectiva política, mas, mais do que isso era uma perspectiva moral. Os europeus tinham perdido pouco a pouco a capacidade de viver juntos e de associar as suas forças criadoras. O seu contributo para o progresso e o seu papel na civilização que eles próprios tinham criado pareciam estar em declínio. Não havia dúvidas que já não dispunham de instituições capazes de os conduzir num mundo que estava em mudança. As formas nacionais tinham mostrado a sua inadaptação. Por mim, via nas novas instituições o único método susceptível de lhes devolver o domínio das qualidades excepcionais que tinham sido as suas ao longo da história, tendo-me esforçado que esse sentimento fosse partilhado pelos homens que me ouviam na Assembleia...A experiência de cada homem recomeça-se: Só as instituições se tornam mais sábias, acumulam a experiência colectiva»³².

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 413.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 615.

³² *Idem, ibidem*, p. 460.

Foram estes «Pioneiros da Europa» que inventaram a Europa como Projecto, ou seja, uma obra a iniciar no seu tempo e, muito para além dele, como, a História da União Europeia tem vindo a mostrar. Para além de todas as encruzilhadas, dos avanços e recuos, das certezas de alguns e dúvidas de outros acerca do projecto europeu, a Europa comunitária foi sendo uma realidade:

«A Europa comunitária, agora com mais de vinte e cinco anos, constitui, já neste momento, apesar das suas lacunas e das suas imperfeições, uma realização notável no momento em que tomam corpo as esperanças de aprofundar as perspectivas de uma união europeia. O balanço positivo que se pode fazer no fim desta primeira etapa e na véspera dos progressos em ordem a uma unificação política, devemo-lo, em grande parte, à intrepidez e à largueza de vistas de um punhado de homens. Entre eles, Jean Monnet desempenhava um papel de primeiro plano, quer a título de inspirador do Plano Schuman, quer a título de primeiro Presidente da Alta Autoridade ou de fundador do *Comité de Acção para os Estados Unidos da Europa*. A esses diversos títulos, Jean Monnet atacou resolutamente as forças de inércia das estruturas políticas e económicas da Europa, com o objectivo de criar um novo tipo de relações entre os Estados, de fazer surgir as solidariedades de facto existentes entre os Estados europeus e de as traduzir em termos institucionais»³³.

Que projecto europeu?

No presente, muitos continuam a pensar a Europa e a reflectir sobre o projecto europeu, sempre como uma obra inacabada, alguns até sentindo a sua falta de projecto:

«A Europa não é uma construção acabada, e deixou mesmo de ser um projecto. Está a sofrer de uma crise com problemas instantes que se nos põem, não se acredita nos dirigentes, falta um ideal e um ideário que impulsionem e orientem a acção. Quanto a realizações estamos perante uma manta de retalhos e resignamo-nos a discursos de vã retórica, a iniciativas descosidas, a medidas que só servem os interesses de alguns. Fala-se muito em refundar a Europa, em levá-la a um novo arranque – mas só se propõem estafadas *soluções* que evitam atacar o mal, e teima-se em tratar de tudo em circuito fechado, sem participação dos cidadãos, escamoteando a vontade geral»³⁴.

Para Vitorino Magalhães Godinho, a Europa não está a desempenhar o seu verdadeiro projecto, nem internamente, nem internacionalmente, devido à subserviência ao imperialismo norte-americano e à sua política «catastrófica» que a impedem de ser ela própria. Por outro lado, os seus próprios erros de institucionalização e de refundação, fazem-no, quase, cantar um «Requiem pela Europa»³⁵. Depois da esperança no passado, a crise presente mostra que «estamos sem futuro nem horizontes; nem sequer podemos sonhar os sonhos que sonhávamos: *De haber sido futuro, hemos solo pasado. Pasado del futuro*»³⁶.

³³ ROUSSEL, Eric – *op. cit.*, p. 18.

³⁴ GODINHO, Vitorino Magalhães – *A Europa como projecto*. Lisboa: Edições Colibri, 2007, p. 7.

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 62.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 70-71.

Apesar das crises europeias, muitos continuam a acreditar num futuro para a Europa, tão bem sentido e expresso por outro português, Francisco Lucas Pires, que viveu sempre a acreditar no seu renascimento: «Este renascimento passará, como outros passados, por um reconhecimento da sua identidade física, histórica e cultural. Caminhar-se-á assim dos aspectos mais reais para os mais ideais da identidade europeia: da geografia, através da história até à sua cultura, com um capítulo final sobre a relação do nosso país com esta identidade mais vasta»³⁷. Palavras que parecem, também, proféticas e que o autor não chegaria a ver realizadas, mas que vão ao encontro dos que no passado acreditavam no espírito empreendedor dos homens do futuro:

«Imagino os futuros empreendedores, os futuros fundadores que, a exemplo de Jean Monnet, olharão em seu redor e verão outra Europa, outra parte da Europa: o mesmo continente, as mesmas fontes, a partir das quais foi construída a nossa sociedade, apesar das divisões e dos desentendimentos superarem uma vontade unitária, a outra Europa que virá, nas próximas décadas, os projectos, os acordos, as evoluções, as ambições e os outros sonhos que nos permitirão perceber que a Europa são todos os Europeus»³⁸.

Apesar de não ser o protagonista dos grandes momentos históricos da construção europeia, cabendo a Robert Schuman ser o porta-voz da nação, Jean Monnet estava nos bastidores e, no silêncio, era, afinal, o grande estratega. Por isso, lhe chamariam «Eminência parda»³⁹, significando a sua discrição, preparando, na retaguarda, projectos e planos que seriam apresentados por outras figuras políticas. Agia na sombra enquanto outros brilhavam.

Muitos vultos contribuíram para a unidade europeia contemporânea do próprio Jean Monnet: Coudenhove-Kalergi, Aristide Briand, Robert Schuman, Alcide De Gasperi, Paul-Henry Spaak ou Charles de Gaulle. Como lembra Eric Rousset⁴⁰, a Europa teve muitos pais espirituais. Jean Monnet distinguiu-se pelo seu espírito verdadeiramente grande, que soube conciliar as ideias de uma Europa Unida à sua possibilidade real, menos utópico do que outros, mais realista, soube encontrar o método possível, a solidariedade de facto, unindo homens que aceitam partilhar de facto parcelas de soberania. Primeiro pela união económica e pela consolidação da paz no Ocidente. Eram necessárias ideias simples e múltiplas acções. Esse realismo não impediu, no entanto, que também sonhasse com os «Estados Unidos da Europa» e acreditasse na sua possibilidade:

«As raízes da Comunidade são agora fortes e estendem-se no solo europeu. Sobreviveram às estações más e podem suportar outras iguais. À superfície, as aparências mudam, e é normal que ao longo e um quarto de século as gerações se sucedam com ambições diferentes, que as imagens do passado se apaguem e que o equilíbrio do mundo se

³⁷ PIRES, Francisco Lucas – *O que é a Europa*. Lisboa: Difusão Cultural, 1993, p. 15.

³⁸ MITTERRAND, François – *Jean Monnet*. Lausanne: Fondation Jean Monnet pour l'Europe, 1989, p. 15.

³⁹ Cf. SAINT-OUEN, François – «Jean Monnet». In *Les grandes figures de la construction européenne*. Genève: Georg, 1997, p. 79.

⁴⁰ ROUSSEL, Eric – *Jean Monnet*. Paris: Fayard, 1996, p. 21.

renove. Quando se vê a persistência do sentimento europeu nesta paisagem em plena mutação e a estabilidade das instituições comunitárias, não se pode duvidar de que se trata de uma dinâmica poderosa, à medida das épocas da história»⁴¹.

Jean Monnet, acreditava na força moral da acção e não numa obediência cega, nos homens, como no curso das instituições. Acreditava na força de convencer e ser convencido. Não adivinhava o futuro da Europa, mas estava convencido na eficácia de uma Europa que continuasse a seguir o método escolhido desde o início, um interesse comum entre os homens gerado por instituições comuns democráticas nas quais se delega a necessária soberania. Só assim seriam ultrapassadas as diferenças, os preconceitos e as fronteiras, alargadas cada vez mais, à dimensão de todo o continente. Nesse dia, os velhos países estariam unidos e os **Estados Unidos da Europa** uma realidade:

«Nunca duvidei de que tal processo nos há-de levar um dia a uns Estados Unidos da Europa, mas não procuro imaginar hoje em dia o respectivo quadro político, de tal forma são imprecisas as palavras que suscitam discussão – confederação ou federação. Aquilo que estamos a preparar, através da acção da Comunidade, provavelmente não tem precedente. Esta Comunidade assenta, ela própria em instituições que há que reforçar, mesmo sabendo que a verdadeira autoridade política de que um dia as democracias europeias vão dotar-se está por conceber e por realizar.

Aqueles que não querem empreender nada por não terem a certeza de que as coisas evoluirão tal como decretaram antecipadamente estão condenados à imobilidade. Ninguém é capaz de dizer hoje qual será a forma que terá a Europa onde havemos de viver no futuro, já que a mudança que resultará da mudança é imprevisível. *Amanhã é outro dia... Bastam as dificuldades de cada dia*»⁴².

Reflexões Finais

A História da Europa no século XX mostrou-nos como o futuro foi construído muito a partir das lições do passado. Em cada momento de crise, muitos projectos foram arquitectados pelos pensadores, filósofos e historiadores, homens da cultura que não olham, apenas, para a conjuntura do presente que exige uma solução; essa é, sempre, a tarefa dos políticos cuja função é decidir e agir sobre a realidade em crise: para além do imediatismo, os outros, reflectem sobre os vários tempos históricos vividos, para apontar um sentido para o futuro dos tempos, são, afinal, os que nos bastidores da História servem de guias aos actores ou protagonistas principais.

Para resolver qualquer crise é preciso pensar. No caso concreto, que sugerimos como exemplo, a obra *Pensar a Europa*⁴³, originalmente intitulada *Penser l'Europe*, escrita no final da década de oitenta, mas que mantém toda a pertinência e actualidade. Todos os tempos têm crises e vivem da superação de crises. Ontem, como hoje, diz o escritor:

⁴¹ MONNET, Jean – *Mémoires, op. cit.*, p. 615.

⁴² *Idem, ibidem*, p. 616.

⁴³ MORIN, Edgar – *Pensar a Europa*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.

«A bomba encontra-se sobre ela, mas a Europa está tranquila; ela está no centro do perigo, mas encontra-se fora da história. A Europa está na periferia da idade de ferro planetária, mas não pode sair-se sozinha. À sua volta, o mundo encontra-se agónico. A palavra *agonia* significa luta angustiante, conflito interno. Todo o nascimento, como toda a morte é agónico. Encontramo-nos num mundo que não consegue nascer porque nos encontramos na agonia de um mundo que não consegue morrer. Não sabemos qual das duas será finalmente, a agonia da morte ou a agonia da nascença. Nós já não temos futuro visível»⁴⁴.

Parecia que *Pensar a Europa* seria pensar o seu fim. Sem qualquer sentido apocalíptico, este fim é, afinal, o princípio de novos tempos, de um novo rumo na História. A(s) Crise(s) da Europa sempre mostraram o fim de um tempo e o (re)começo de outro: é esse o sentido da História. A Crise, muito para além, de significar a morte, proporciona o crescimento: todas as crises europeias se têm resolvido favoravelmente! Estas crises são o sinal de uma mudança, de que é necessário (re)encontrar o equilíbrio no momento de desequilíbrio vivido: é necessário olhar para os acontecimentos que geraram a crise e, muitas vezes, mudar de sentido, ou, radicalmente, inverter a marcha da história.

Sempre que a evolução da história vive ventos desfavoráveis, na economia, na sociedade, na vida dos homens, é tempo de (re)pensar a história, porque as novas circunstâncias não permitiram a sua evolução normal. Muito para além de uma anormalidade, as crises são momentos de evolução e sobretudo desafios para os tempos de crise: saber encontrar ou inventar uma solução que permita ir para a frente, avançar, muito para além dos limites, ou melhor, situações-limite vividas.

Como observa, Pedro Álvares:

«Uma crise é o primeiro sintoma de uma mudança, o sinal de que os equilíbrios automáticos que permitiam uma evolução normal da economia e da sociedade deixaram de ter lugar. É também um desafio: o de conseguirmos encontrar os meios de intervenção que permitam corrigir os desvios sem destruir os fundamentos. Para perspectivar o futuro é, assim, necessário saber analisar o passado distinguindo aquilo que apenas traduz uma evolução normal e exige a nossa adaptação a situações novas, daquilo que é elemento perturbador que é preciso eliminar»⁴⁵.

Como vimos, muitos projectos europeus foram apresentados para resolver os problemas resultantes dos conflitos mundiais do século XX. Na sua origem, esteve sempre a ideia da necessidade de salvaguardar a paz na Europa, para além da consequente prosperidade, e da defesa dos valores da liberdade e da democracia. Foi, sempre, para dar resposta a crises, que surgiram projectos e realizações concretas. No entanto, nunca na história da vida das sociedades, instituições e indivíduos têm uma solução definitiva. O tempo exige a invenção de novas ideias para circunstâncias concretas que alteram o rumo da humanidade.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 168.

⁴⁵ ÁLVARES, Pedro – *O Tratado de Lisboa e o Futuro da Europa*. Lisboa: Comissão Europeia, 2009, p. 32.

Cada acontecimento é um desafio que exige uma posição concreta. Apesar das diferenças, ao longo de mais de meio século de existência a Europa parece não ter esquecido as lições do passado recente. As consequências trágicas das crises do século, lembram sempre os erros dos nacionalismos exacerbados e a necessidade de união europeia. Os erros cometidos a seguir ao primeiro conflito, porventura o excesso de crença na possibilidade da criação de um «projecto federal europeu», levaram a um bem mais comedido europeísmo a seguir ao segundo conflito, mas com efectiva possibilidade de realização. A este propósito, nunca é demais recordar a figura de Jean Monnet. O seu espírito visionário não serviu, apenas, para inspirar a política de Robert Schuman. A sua visão sobre o futuro da Europa mantém, ainda, toda a actualidade. A sua ideia sobre uma «comunidade de destino» é provocadora e faz pensar o século XXI. O passado mostrara que a destruição do outro era a sua própria destruição, que a falta de unidade europeia punha em perigo a velha Europa, quase moribunda. Era preciso unir esforços, mobilizar vontades a partir de interesses comuns, sempre pela paz, liberdade e democracia.

O futuro apontado por Jean Monnet foi apoiado por outros que também figurariam como «pais da Europa»: Robert Schuman, Konrad Adenauer, Paul-Henri Spaak ou Alcide de Gasperi. Um futuro que foi sendo construído, às vezes depressa demais, outras vezes, feito de avanços e de recuos. No entanto, evitando sempre conflitos europeus como os dois vividos à escala mundial, e cujas consequências estão bem presentes na memória europeia. Um futuro sempre condicionado por mudanças históricas na hegemonia europeia. Mas, as linhas essenciais estavam esboçadas e o presente mostra que tinham razão.

Na actualidade, a Europa continua a viver de crises, que, alguns, sentem como uma encruzilhada, e, os mais optimistas, como uma oportunidade de aprofundar o projecto europeu. Após o Projecto de Constituição, o Tratado de Lisboa foi a solução encontrada para conciliar posições mais ou menos europeístas. No entanto, a Europa foi sempre, e continua a ser, uma obra inacabada.

No século XXI, continuamos a falar de uma crise mundial, e sentimos a «noite de nevoeiro» de que fala Edgar Morin: «O mundo encontra-se na noite e no nevoeiro, os quais cobrem também a Europa. Já o dissemos: não sabemos se a meia Europa subjugada se libertará, se a meia Europa livre será subjugada, se a Europa será finalmente marginalizada, vassalizada, helvetizada, helenizada, atomizada»⁴⁶. Tudo é incerto, e todos os planos podem falhar. Mais uma vez, o sentimento de crise e a sensação do nada são salutares: «Antes de fazer planos e rataplães precisamos de inscrever a incerteza no nosso pensamento, ligar o risco e sorte no nosso espírito, fazer a aposta da Vida perante o Nada»⁴⁷. A crise é, apesar de tudo, sinal de vida. Sempre na incerteza do futuro, mas na convicção de que «uma nova metamorfose da Europa começou»⁴⁸. Esta metamorfose da Europa é provocada pela crise que gera uma nova Europa. Nunca sabemos que Europa vai nascer, mas, sabemos que está em curso uma mudança. A Europa tem vivido e sobrevivido a várias crises. Não será a crise o motor para a Construção Europeia?

⁴⁶ MORIN, Edgar – *op. cit.*, p. 168.

⁴⁷ *Idem, ibidem.*

⁴⁸ *Idem, ibidem.*